AS TEORIAS PEDAGÓGICAS

Luciana B. Jacob

Introdução aos Estudos da Educação

TEORIAS CRÍTICAS E NÃO-CRÍTICAS

- Teorias não-críticas: entendem que a educação é um instrumento de equalização social e superação da marginalidade

- Teorias críticas: entendem que a educação é um instrumento de discriminação social e um fator de marginalização

(Saviani, 1999)

Qual a diferença?

A diferença entre ambas está na **forma de entender as relações entre educação e sociedade**.

Para as **teorias não-críticas**, a sociedade é concebida como essencialmente harmoniosa, tendendo à integração de seus membros. A marginalidade é um fenômeno acidental que afeta individualmente a um número maior ou menor de seus membros o que, no entanto, constitui um desvio, uma distorção deve ser corrigida. A educação emerge como um instrumento de correção dessas distorções. Constitui uma força homogeneizadora que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social.

Qual a diferença?

As **teorias críticas** concebem a sociedade como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos ou classes antagônicos que se relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material. Nesse quadro, a marginalidade é entendida como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade.

AS TEORIAS NÃO-CRÍTICAS: PEDAGOGIA TRADICIONAL

- Instaurada logo após o final da monarquia, na segunda metade do séc. 19 → deu origem aos "sistemas nacionais de ensino"
- Inspirou-se no princípio de que a educação é direito de todos e dever do Estado
- Para transformar "súditos" em "cidadãos", deveria ser transposta a barreira da ignorância através do ensino

PEDAGOGIA TRADICIONAL

- O trabalho escolar foi dividido em classes e o papel do professor tornou-se fundamental
- Entretanto, a escola com base na pedagogia tradicional não conseguiu universalizar o ensino, ao mesmo tempo em que nem todos que saiam da escola se ajustavam à sociedade burguesa da época
- Assim, começam a surgir volumosas críticas à essa pedagogia

AS TEORIAS NÃO-CRÍTICAS: ESCOLA NOVA

- Surge o “escolanovismo”, implantado primeiramente em algumas poucas escolas, no início do séc. 20, depois solicitando sua ampliação para toda a rede de ensino
- Segundo essa nova teoria, a marginalidade deixa de ser vista predominantemente sob o ângulo da ignorância, isto é, o não domínio de conhecimentos. O marginalizado já não é o ignorante, mas o rejeitado. Alguém está integrado não quando é ilustrado, mas quando se sente aceito pelo grupo e, através dele, pela sociedade em seu conjunto.

ESCOLA NOVA

- Essa pedagogia exige um tratamento diferencial a partir da "descoberta" das diferenças individuais: os homens são essencialmente diferentes e cada indivíduo é único (p. ex. Montessori)

- Portanto, a marginalidade não pode ser explicada pelas diferenças entre os homens, quaisquer que elas sejam: não apenas diferenças de cor, de raça, de credo ou de classe, o que já era defendido pela pedagogia tradicional; mas também diferenças no domínio do conhecimento, na participação do saber, no desempenho cognitivo.

ESCOLA NOVA

- A educação, enquanto fator de equalização social será um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos à sociedade, incutindo neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais.

- Portanto, a educação será um instrumento de correção da marginalidade quando contribuir para a constituição de uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, se aceitem mutuamente e se respeitem na sua individualidade específica.

PEDAGOGIA TRADICIONAL		ESCOLA NOVA
Intelecto	→	Sentimento
Lógico	→	Psicológico
Conteúdo	→	Método
Professor	→	Aluno
Esforço	→	Interesse
Disciplina	→	Espontaneidade
Quantidade	→	Qualidade
Aprender	→	Aprender a aprender

ESCOLA NOVA

- Devido às suas especificidades, acabou circunscrita a um pequeno número de escolas, geralmente voltadas à elite do país

- O ideário escolanovista, tendo sido amplamente difundido, penetrou nas cabeças dos educadores acabando por gerar consequências também nas amplas redes escolares oficiais organizadas na forma tradicional

ESCOLA NOVA

- Tais consequências foram mais negativas que positivas uma vez que, provocando o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos, acabou por rebaixar o nível do ensino destinado às camadas populares as quais muito frequentemente têm na escola o único meio de acesso ao conhecimento elaborado

- Em contrapartida, a "Escola Nova" aprimorou a qualidade do ensino destinado às elites. Paradoxalmente, em lugar de resolver o problema da marginalidade, a "Escola Nova" o agravou

AS TEORIAS NÃO-CRÍTICAS: PEDAGOGIA TECNICISTA

- No final da primeira metade do séc. 20, as esperanças na Escola Nova começaram a se exaurir

- A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, essa pedagogia preconiza a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional

PEDAGOGIA TECNICISTA

- Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência. Para tanto, era preciso operacionalizar os objetivos e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo

- Ocorreu a padronização do sistema de ensino a partir de esquemas de planejamento previamente formulados aos quais devem se ajustar as diferentes modalidades de disciplinas e práticas pedagógicas

PEDAGOGIA TECNICISTA

- O elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando professor e aluno posição secundária, relegados à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais

- A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando e corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção

PEDAGOGIA TECNICISTA

- Para a pedagogia tecnicista a marginalidade não será identificada com a ignorância nem será detectada a partir do sentimento de rejeição. Marginalizado será o incompetente (no sentido técnico da palavra), isto é, o ineficiente e improdutivo.

- A educação estará contribuindo para superar o problema da marginalidade na medida em que formar indivíduos eficientes, portanto, capazes de darem sua parcela de contribuição para o aumento da produtividade da sociedade

- Aprender a FAZER → burocratização escolar

PEDAGOGIA TECNICISTA

- Nessas condições, a pedagogia tecnicista acabou por contribuir para aumentar o caos na campo educativo, gerando tal nível de descontinuidade, de heterogeneidade e de fragmentação, que praticamente inviabiliza o trabalho pedagógico

- Com isto, o problema da marginalidade só tendeu a se agravar: o conteúdo do ensino tornou-se ainda mais rarefeito e a relativa ampliação das vagas se tornou irrelevante em face dos altos índices de evasão e repetência

AS TEORIAS CRÍTICO-REPRODUTIVISTAS

- **Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica**
- **Teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado (AIE)**
- Teoria da escola dualista

Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica: Bordieu e Passeron (1975)

Por que **violência simbólica**? O reforço da violência material se dá pela sua conversão ao plano simbólico onde se produz e reproduz o reconhecimento da dominação e de sua legitimidade.

Assim, à violência material (dominação econômica) exercida pelos grupos ou classes dominantes sobre os grupos ou classes dominados corresponde a violência simbólica (dominação cultural).

Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica: Bordieu e Passeron (1975)

- A ação pedagógica é uma imposição arbitrária da cultura (também arbitrária) dos grupos ou classes dominantes aos grupos ou classes dominados. Essa imposição, para se exercer, implica necessariamente a autoridade pedagógica, isto é, um "poder arbitrário de imposição”

- A referida ação pedagógica que se exerce através da autoridade pedagógica se realiza através do Trabalho Pedagógico, entendido "como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável capaz de perpetuar-se após a cessação da ação pedagógica e por isso de perpetuar nas práticas os princípios do arbitrário interiorizado" (Bourdieu & Passeron, 1975: 44).

Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica: Bordieu e Passeron (1975)

- A função da educação é a de reprodução das desigualdades sociais. Pela reprodução cultural, ela contribui especificamente para a reprodução social

- De acordo com essa teoria, marginalizados são os grupos ou classes dominados. Marginalizados socialmente porque não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente, porque não possuem força simbólica (capital cultural). E a educação, longe de ser um fator de superação da marginalidade, constitui um elemento reforçador da mesma

TEORIA DA ESCOLA ENQUANTO APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO

- “O Aparelho Ideológico de Estado que foi colocado em posição dominante nas formações capitalistas maduras é o Aparelho Ideológico Escolar“ (Althusser, s/d)

- A escola constitui o instrumento mais acabado de reprodução das relações de produção capitalistas

TEORIA DA ESCOLA ENQUANTO APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO

- O fenômeno da marginalização se inscreve no âmbito das relações de produção capitalista, que se funda na expropriação dos trabalhadores pelos capitalistas
- Marginalizada é, pois, a classe trabalhadora. O AlE escolar, em lugar de instrumento de equalização social, constitui um mecanismo construído pela burguesia para garantir e perpetuar seus interesses

PARA UMA TEORIA CRÍTICA DA EDUCAÇÃO

- É possível encarar a escola como uma realidade histórica, isto é, suscetível de ser transformada intencionalmente pela ação humana?

- É possível articular a escola com os interesses dominados?

- É possível uma teoria da educação que capte criticamente a escola corno um instrumento capaz de contribuir para a superação do problema da marginalidade?

PARA UMA TEORIA CRÍTICA DA EDUCAÇÃO

Uma teoria crítica da educação tem a tarefa de superar tanto o poder ilusório (que caracteriza as teorias não-críticas) como a impotência (decorrente das teorias crítico-reprodutivistas), colocando nas mãos dos educadores uma arma de luta capaz de permitir-lhes o exercício de um poder real, ainda que limitado.

PARA UMA TEORIA CRÍTICA DA EDUCAÇÃO

Trata- se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta, de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.